Argentina e FMI perto do consenso

HUGO MARTINEZ
Nosso correspondente

BUENOS AIRES — O ministro de Economia da Argentina, Bernardo Grinspún, expressou ontem otimismo quanto a um acordo iminente com o FMI, e nos meios oficiais espera-se que o anúncio formal sobre os entendimentos seja feito nas próximas horas.

A intenção do governo é concluir as negociações antes do início, previsto para amanhã, em Mar del Plata, da reunião na qual será procurado o consenso sobre Cartagena. A nível técnico a reunião já começou e, entre as propostas em análise, está a convocação dos credores para um encontro Norte-Sul interamericano, para a discussão conjunta do endividamento regional.

No Ministério de Economia comenta-se que as delegações do México e do Brasil serão as mais indiferentes a esse objetivo. A proposta está sendo defendida pela Argentina e Venezuela e foi o método escolhido pelo presidente Raúl Alfonsín para dar caráter político ao problema do endividamento.

A delegação venezuelana propôs aos 11 países participantes a adoção de uma estratégia comum nas reuniões anuais do FMI e do Banco Mundial que começarão dia 24 próximo em Washington. A imprensa argentina atribuiu ao México e Brasil posições "elitistas", acusando-os de desejar restringir o chamado "acordo de Cartagena" aos grandes devedores. Um clube insólito em que para se ingressar é necessário ser um devedor catastrófico. A versão foi contestada informalmente pelos acusados.

A reunião de Mar del Plata começou em condições menos emocionais do que a de Cartagena, mas logo mudou com a chegada de Henry Kissinger, o descobrimento de documentos comprometedores para os bancos suíços e o repúdio à frota norte-americana no extremo sul do Atlântico. Kissinger, numa posição interessante, defende o tratamento político da dívida externa.

A documentação comprometedora, achada no apartamento do ex-ministro de Coordenação Econômica Walter Klein, são dois telex trocados com os bancos suíços.

O gerente geral da União de Bancos Suíços dirigiu-se em 1976 ao diretor do Banco Central argentino com o duplo objetivo de informar que estava preparado um crédito de US\$ 30 milhões e expressar "a esperança de que o problema da Companhia Ítalo-Argentina de Eletricidade, que afeta numerosos acionistas suíços e clientes de nosso banco, seja resolvido em futuro não muito distante, para satisfação das partes interessadas". Na sensível pele do nacionalismo argentino, o texto transformase em uma prova de pressão financeira. A Ítalo foi vendida imediatamente, para total satisfação dos acionistas suíços.